

A Arqueologia Histórica, a Arqueologia da Repressão e da Resistência: pensar a disciplina para um futuro diferente

Historical archaeology, the archaeology of repression and resistance: thinking anew the discipline for a different future

DOI: 10.20396/rhac.v6i1.20386

PEDRO PAULO ABREU FUNARI

Professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

 0000-0003-0183-7622

Resumo

O artigo discute de que maneira a arqueologia histórica, o capitalismo e a globalização estão no centro da disciplina. Ela é considerada mais do que o estudo da cultura material por conta da globalização. Como caso de estudo, a arqueologia da repressão e da resistência é introduzida no contexto histórico da Guerra Fria. No Brasil, a arqueologia sofreu diretamente, com os humanistas sendo perseguidos, enquanto os arqueólogos que apoiavam o regime controlavam a prática. Isso explica o desenvolvimento tardio do estudo no Brasil, entretanto, desde o início do século XXI produziu não apenas evidências arqueológicas, mas também abordagens e interpretações inovadoras, levando a um futuro diferente.

Palavras-chave: Arqueologia histórica. Arqueologia da repressão e resistência. Globalização.

Abstract

The paper discusses how historical archaeology, capitalism and globalization are at the heart of the discipline. Historical archaeology is taken as more than the study of material culture due to globalization. As a study-case, the archaeology of repression and resistance is introduced in the historical context of the Cold War. In Brazil, archaeology suffered directly, with humanists being persecuted while archaeologists supporting the regime controlled the practice. This explains the late development of the study in Brazil, but since the early 21st century it has produced not only archaeological evidence, but also innovative approaches and interpretations, opening for a different future.

Keywords: Historical Archaeology. Archaeology of repression and resistance. Globalization.

Arqueologia Histórica, capitalismo e globalização são termos em constante correlação e, por isso mesmo, convém começar por explorar os conceitos em questão. Globalização tornou-se um termo de uso corrente para definir a nossa época, em particular para se referir ao período sucessivo à Guerra Fria (1947-1989). Isso deu-se após uma grande mudança histórica, quando o poder do capital parecia tão grande que poderia suspender a própria História, como se perguntou Francis Fukuyama já em 1989 (*The end of history?*), culminando no seu best-seller de 1992 *The End of History and the last Man*, traduzido em inúmeros idiomas, do português ao chinês. Durante as longas décadas da Guerra Fria (1947-1989), o fluxo de capital, mercadorias e pessoas era dificultado pela divisão estrutural Leste/Oeste.

A movimentação sutil da China para além dessa fissura Leste/Oeste, com sua gradual integração na lógica capitalista e neoliberal foi seguida por outros países então denominados de pobres, subdesenvolvidos ou do Terceiro Mundo. Globalização encontrou um terreno favorável para difundir-se como um conceito adequado e popular, algo compartilhado por apologistas como o Fórum Econômico Mundial (Davos, Suíça desde 1971) e seus críticos, como o Fórum Social Mundial (Porto Alegre, desde 2001). A Arqueologia, como a História e toda Ciência Social, insere-se em questões e desafios contemporâneos.¹

O uso do termo Globalização no mundo levou a sua adoção ou adaptação para tratar de outras sociedades e temporalidades, em diferentes disciplinas acadêmicas. A Arqueologia Histórica engajou-se cedo com o uso do conceito,² uma vez que ela estudava sociedades modernas que trocavam mercadorias, produzindo uma imensa evidência arqueológica de conectividade e de itens materiais compartilhados ou trocados.³ Houve certa mistura de um termo mais antigo, Capitalismo, com Globalização, o termo em voga. O próprio capitalismo é um termo de meados do século XIX, mas ambos, capitalismo e globalização, passaram a ser usados para se referir ao mundo moderno, desde ao menos o século XV.⁴

A Globalização é uma questão em debate na atualidade que inclui o local como sua contraparte. A resposta na aparência fácil foi a adoção do mantra “pense global, aja local”, mas o verdadeiro desafio consiste em tentar articular uma série de conexões⁵ e emaranhados.⁶ Em certo sentido, esse impasse

¹ PORR, Martin. Reflections on Franz Boas's Anthropology and Modern Life. *EAZ – Ethnographisch-Archaeologische Zeitschrift*, v. 57, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.54799/HNPS4059>. Acesso em: 25 jun. 2025.

² ORSER, C.E. *A Historical Archaeology of the Modern World*. Springer: 1998.

³ PITTS, Martin. Globalisation, circulation and mass consumption in the Roman world. In: PITTS, Martin; VERSLUYS, Miguel John (org.). *Globalisation and the Roman world: World history, connectivity and material culture*. Cambridge : Cambridge University Press, 2015, p. 69-98.

⁴ SALLMANN Jean-Michel. *Le Grand désenclavement du monde*, 1200-1600. Paris: Payot, 2011.

⁵ SUBRAHMANYA, Sanjay. Sixteenth-century Millenarianism from the Tagus to the Ganges. In: *From Tagus to the Ganges: Explorations in Connected History*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 102-113.

⁶ HODDER, Ian. *Entangled. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Malden: Wiley-Blackwell, 2014; *idem*. The paradox of the long term: human evolution and entanglement. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 26, n. 2, 2020, p. 389-411. Disponível em: <https://rai.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9655.13253>. Acesso em: 25 jun. 2025.

global e local pode ser relacionado a uma questão epistemológica chave: universalismo versus particularismo. Uma abordagem universalista enfatiza características humanas e sociais fora da história, a-históricas, tal como a minimização de esforços e a maximização dos benefícios, enquanto uma abordagem particularista enfatiza condicionantes contextuais, históricas e culturais. Ambas perspectivas não apenas convivem, como mostram que a vida em sociedade é complexa, assim como sua interpretação é intrincada.

Na Arqueologia Histórica,⁷ capitalismo e globalização foram desde cedo conceitos importantes usados para entender, não apenas a presença de cerâmica, como de todo o funcionamento do mundo social. Sempre houve desafios a esse quadro interpretativo predominante, vindo de diversas partes, como no caso das periferias, tão conscientes das diferenças culturais.⁸ Como quer que nos posicionemos nesse debate, global e local são mais do que antinomias, são questões em disputa. O termo Arqueologia Histórica é usado de diversas maneiras, como estudo de todas as sociedades com documentação escrita,⁹ ou, no mundo de fala alemã, serve para englobar o que na anglo-esfera costuma aparecer como pós-medieval ou contemporânea.¹⁰ Parece importante levar em conta como o sul global pode problematizar a questão, a esse respeito ressaltam Schmidt e Pikirayi:

Um grande problema enfrentado pelas abordagens norte-americanas da Arqueologia Histórica é a maneira excludente como a disciplina é definida. Ao confinar a arqueologia histórica à era do capitalismo e do colonialismo, declaramos que as histórias indígenas de muitas áreas do globo não têm interesse para tal agenda intelectual. Se praticarmos uma Arqueologia Histórica que apenas valoriza a experiência colonial, então o que acontece à produção histórica que envolveu culturas na era pré-capitalista e pré-moderna? Estas abordagens separam as histórias dos povos de África das do Ocidente e, na verdade, constituem um apartheid acadêmico. Para remediar esta disjunção, interrogamos como a arqueologia histórica pode escapar aos limites do racismo implícito na sua negação da historicidade antes da alfabetização. Sugerimos que quebrar as cadeias de exclusão é a única forma de realizar uma arqueologia inclusiva e sensível a todos os projetos de criação de história.¹¹

⁷ ORSER, C. E.; ZARANKIN, A.; FUNARI, P. P. A.; LAWRENCE, S.; SYMONDS, J. (org.). **The Routledge Handbook of Global Historical Archaeology**. Londres: Routledge, 2020.

⁸ FUNARI, P. P. A.; HALL, M.; JONES, S. (org.). **Historical Archaeology: Back from the edge**. Londres: Routledge, 1999.

⁹ ÉTIENNE, R.; MÜLLER, C.; PROST, F. **Archéologie historique de la Grèce antique**. Paris: Ellipses éditions, 2000.

¹⁰ PREDOVNIK, Katarina. Historical archaeology at the interstices between archaeology and history: a history from things or an archaeology with texts? **Ars & Humanitas**, v. 17, n. 2, 2023, p. 91-106. Disponível em: <https://journals.uni-lj.si/arshumanitas/article/view/18167>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹¹ SCHMIDT, Peter R.; PIKIRAYI, Innocent. Will historical archaeology escape its Western prejudices to become relevant to Africa? **Archaeologies**, n. 14, 2018, p. 443. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11759-018-9342-1>. Acesso em: 25 jun. 2025. Tradução nossa. No original: "A major problem facing North American approaches to historical archaeology is the exclusionary manner in which the discipline is defined. By confining historical archaeology to the era of capitalism and colonialism, we declare that the indigenous histories of many areas of the globe are of no interest to such an intellectual agenda. If we practice an historical archaeology that only valorizes the colonial experience, then what happens to history making that engaged cultures in the pre-capitalist and pre modern era? Such approaches separate the histories of people in Africa from those

Considerações relacionadas aplicam-se ao contexto latino-americano, em particular, ao mostrar que Arqueologia do Capitalismo deve incluir uma série de temas culturais específicos, como a religiosidade,¹² a relação com os nativos,¹³ com os subalternos, em geral,¹⁴ levando-se em conta a transculturação,¹⁵ entre outras especificidades.

Assim, o capitalismo e a globalização não existem fora de contextos e condições culturais e históricas específicas, sendo o próprio corpo cultural,¹⁶ seu simbolismo e performance.¹⁷ Como propõe Catherine Perret:

Tanto Mauss quanto Leroi-Gourhan entendem a individuação do corpo no meio como um poder material que é parte de processos de subjetivação por meio de sua habilidade de formar conexões fortes (Salerno 2009). O materialismo, assim, alarga a esfera da política para além das faculdades sensíveis do sujeito estético em direção a todas as manifestações de corpos vivos que falam. Neste sentido, isso constitui a base de uma crítica formidável da teoria de valor que está baseada apenas na troca entre sujeitos sociais alienados.¹⁸

A teoria de valor do capital, levada ao paroxismo no neoliberalismo criador do conceito de capital humano, mencionado adiante, encontra obstáculos corporificados. Talvez seja mais produtivo do que a Globalização encarar esse entrelaçamento com outro termo: mundialização, utilizado, de maneira usual,

of the West, and, is in effect, academic apartheid. To remedy this disjuncture, we interrogate how historical archaeology may escape the bounds of implicit racism in its denial of historicity before literacy. We suggest that breaking the chains of exclusion is the only way to realize an inclusive archaeology sensitive to all history making projects”.

¹² COELHO, R. A. G.; FERREIRA, L. M. F. **Variável Atlântica: A Arqueologia do Atlântico Negro como Estudo Comparativo**. Manuscrito inédito, 2024.

¹³ LANDA, Carlos G.; CIARLO, Nicolás C.; CASTELLI, Ana. State of the art of historical archaeology in Argentina. **Post-Medieval Archaeology**, v. 54, n. 2, 2020, p. 211-228. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00794236.2020.1812299>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁴ RIVERA-SANDOVAL, Javier. Arriving at a Good Port: Urban and Historical Archaeology in Three Cities of the Colombian Caribbean. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 27, 2023, p. 984-1001. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10761-023-00697-4>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁵ *Idem*; FUNARI, P. P. A. Vacas, galinhas, porcos e moluscos: abordagem do processo de transculturação nas práticas alimentares no Panamá Antigo (séculos XVI-XVII). **Vestígios Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 15, n. 2, 2021, p. 293-314. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/25880>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁶ MAUSS, M. Les techniques du corps. In: **Sociologie et Anthropologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968 [1935], p. 271-293.

¹⁷ SKOVGAARD-SMITH, Irene; HIRST, Alison. Marcel Mauss and the magical agents of our time. **Journal of Classical Sociology**, v. 24, n. 2, 2024, p. 171-185. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1468795X231151797>. Acesso em: 25 jun. 2025; SALERNO, Melisa. Hora de vestirmos. Antecedentes y perspectivas en el estudio del cuerpo vestido en arqueología histórica. **Temas y Problemas de la Arqueología Histórica**, Universidad de Luján, t. II, 2009, p. 397-408.

¹⁸ PERRET, Catherine. Materialism and Capitalism Today: Zoo-aesthetics and a Critique of the Social Bond after Marcel Mauss and André Leroi-Gourhan. BIANCHI, Bernardo; FILION-DONATO, Emilie; MIGUEL, Marlon; YUVA, Ayşe (org.). **Materialism and Politics**. Cultural Inquiry. Berlin: ICI Berlin Press, 2021, p. 144. Disponível em: https://press.ici-berlin.org/doi/10.37050/ci-20/perret_materialism-and-capitalism.html. Acesso em: 13 fev. 2025. Tradução nossa. No original: “Both Mauss and Leroi-Gourhan understand the individuation of the body in the milieu as a material power that is a part of the processes of subjectivation through its ability to form strong connections. Their materialism thus enlarges the sphere of politics beyond the sensitive faculties of the aesthetic subject to all the manifestations of living speaking bodies. In this sense, it constitutes the basis of a formidable criticism of a theory of value that is only based on the exchange between alienated social subjects”.

em francês. Retoma-se o sentido latino de *mundus*, um poço, profundo, uma conexão total, como lembra o filósofo Giorgio Agamben:

E a lenda reza que quando Rômulo fundou Roma, fez cavar um poço - chamado mundus, "mundo" – em que ele mesmo e cada um de seus companheiros lançam um punhado da terra de onde provêm. Esse poço era aberto três vezes por ano e dizia-se que naqueles dias os Mani, os mortos entravam na cidade e participavam da existência dos vivos. O mundo nada mais é que o limiar através do qual os vivos e os mortos, o passado e o presente se comunicam.¹⁹

Mundialização²⁰ permite incluir uma série de conotações em relação a conexões, interações e misturas, o que não significa, claro, ignorar o uso de Globalização em muitas outras línguas, *Globalizzazione* (italiano), *Globalisierung* (alemão), глобализация (russo), גלובליזציה (hebraico). Assim, quando usar globalização, pelo uso corrente do termo em português, parece conveniente levar em conta os sentidos culturais embutidos em mundialização, com suas implicações políticas, nas palavras de Alain Supiot:

É por isso que devemos opor esta noção acrítica de globalização ao conceito de mundialização. Tanto no sentido etimológico (onde o mundo se opõe ao imundo) como no sentido jurídico (onde *mundus* simbolizava no direito romano a unidade da cidade), globalizar consiste em tornar um lugar humanamente viável e habitável.²¹

Uma abordagem que inclua as particularidades e as diferenças culturais funda-se em alguns axiomas, a começar por recusar a teleologia ou providência, mas que se leve em conta o acaso e o emaranhado (*Verschränkung*, no original alemão, traduzido como *entanglement* para o inglês) dois conceitos da física quântica.²² Mencione-se, ainda, outros conceitos úteis, como rizoma,²³ creolização ou

¹⁹ AGAMBEN, Giorgio. O rosto e a morte. Tradução de Luisa Rabolini. **Instituto Humanitas Unisinos**, 5 maio 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/608961-o-rosto-e-a-morte-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 25 jun. 2025; LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Londres: Blackwell, 1991, p. 242.

²⁰ SUPIOT, A. ; CHENAVIER, R. (org.) **Mondialisation ou globalisation ?** Les leçons de Simone Weil. Paris : Collège de France, 2019.

²¹ *Idem*. État social et mondialisation : analyse juridique des solidarités. Présentation de la chaire. **Collège de France**. Disponível em: <https://www.college-de-france.fr/fr/chaire/alain-supiot-etat-social-et-mondialisation-analyse-juridique-des-solidarites-chaire-statutaire>. Acesso em: 25 jun. 2025. Tradução nossa. No original : "C'est pourquoi à cette notion acritique de globalisation il faut opposer le concept de mondialisation. Au sens à la fois étymologique (où monde s'oppose à immonde) et juridique (où le mundus symbolisait en droit romain l'unité de la cité), mondialiser consiste à rendre un lieu humainement vivable et habitable".

²² BUB, Jeffrey. Quantum Entanglement and Information. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (org.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2023. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/qt-entangle/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²³ DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Milles plateaux**. Paris : Les Éditions de Minuit, 1980.

hibridismo,²⁴ contato cultural.²⁵ Parto do pressuposto que qualquer acesso ou invenção, encontro ou descoberta (*in+uenio*) da realidade funda-se em axiomas, no sentido grego de ἀξίωμα, algo -μα que pode ser pensado, concebido (ἀξιόω, estimo, penso). Isso para dar uma qualidade de narrativa sentida, mítica e mística, para tudo o que se pensa. Axioma é uma narrativa, um pressuposto, estratégia que pressupõe que certas coisas existem, mesmo que não existam, mas os humanos, em contextos específicos, partem da noção que são reais.²⁶ Em seguida, e na mesma linha, o passado não é visto como mera coleta de dados, mas busca-se encontrar conexões dos vestígios das pessoas com nosso tempo presente.²⁷

Vamos a alguns conceitos a serem esmiuçados, a começar pela mestiçagem e pela mudança cultural, que se tornam relevantes como conceitos-chave, em toda a Arqueologia Histórica.²⁸ A mestiçagem é utilizada tanto em múltiplas dimensões teórico-metodológicas-analíticas quanto a partir da experiência. Rothschild questiona que “a mestiçagem hoje é valorizada, mas naturalizada, e mascara uma grande variação, algumas das quais estão muito ligadas às diferenças de classe e teriam estado presentes no passado”.²⁹ Symanski e Gomes problematizam isso seguindo Gruzinski ao se referir à mestiçagem como “as misturas entre seres humanos, imaginários e modos de vida”, e afirma-a como um processo que “é tão objetivo, sendo observado em vários tipos de fontes, quanto subjetivo, implicando a consciência que esses atores anteriores tinham sobre o que estava acontecendo”.³⁰ Poloni³¹ utiliza os conceitos “mestiçagem ou miscigenação” de forma central e estruturante na sua análise do legado do colonialismo³². Dominguez e Funari interpretam isso como experiência.³³ Estas múltiplas abordagens contribuem para o debate teórico sobre o alcance e as limitações analíticas do conceito de mestiçagem, bem como para a compreensão das suas múltiplas dimensões interpretativas.

²⁴ VANVALKENBURGH, Parker. Hybridity, creolization, mestizaje: a comment. *Archaeological Review from Cambridge*, v. 28, n. 1, 2013, p. 301-322.

²⁵ FUNARI, P. P. A.; SENATORE, M. X. (org.). *Archaeology of Culture Contact and Colonialism in Spanish and Portuguese America*. 1ª ed. Nova Iorque: Springer International Publishing, 2015; DOMINGUEZ, L.; FUNARI, P. P. A.; NAVARRO, A. G. (org.) *Arqueología del contacto en Latinoamérica*. 1ª ed. Jundiaí: Paco, 2019.

²⁶ TIMCKE, Scott; FOUCAULT, Michel. White, and the Linguistic Turn in Western Historiography. *History in Action*, v. 6, n. 1, 2019, p. 1-12. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3317621>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁷ SHANKS, Michael. Symmetrical archaeology. *World Archaeology*, v. 39, n. 4, 2007, p. 589-596. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40026151?seq=1>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁸ SYMANSKI, Luís Claudio Pereira; GOMES, Denise Maria Cavalcante. Material culture, mestizaje, and social segmentation in Santarém, Northern Brazil. In: FUNARI, SENATORE, *op. cit.*, p. 199-217.

²⁹ ROTHSCHILD, N. A. *Colonial encounters in a native American landscape: The Spanish and Dutch in North America*. Washington, D. C.: Smithsonian Institution Press, 2003, p. 183-198.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ POLONI, R. J. S. Brazil Baroque, Baroque mestizo: heritage, archaeology, modernism and the Estado Novo in the Brazilian context. In: FUNARI, SENATORE, *op. cit.*, p. 339-350.

³² VOSS, Barbara L. Narratives of colonialism, grand and not so grand: a critical reflection on the archaeology of the Spanish and Portuguese Americas In: FUNARI, SENATORE, *op. cit.*, p. 353-361.

³³ DOMÍNGUEZ, Lourdes; FUNARI, Pedro Paulo A. Archaeology of Contact in Cuba, a Reassessment. In: FUNARI, SENATORE, *op. cit.*, p. 133-140.

Deve ser destacada a contribuição de muitos estudiosos em relação à mudança cultural.³⁴ Em artigos do início do século XXI, as deturpações de aspectos de mudança e continuidade³⁵ foram consideradas como um grave déficit nos estudos do colonialismo na América: “Simplificando, os estudiosos não podem fazer justiça à compreensão das histórias nativas de longo prazo se eles negligenciam os períodos imediatamente anteriores, e mesmo aqueles dentro do século XX”.³⁶ Na sua análise da arqueologia dos estudos do colonialismo espanhol nas Américas, Van Buren afirma que existem algumas questões que “exigem uma mudança de escala para incluir os campos socioeconômicos mais amplos em que os grupos coloniais participaram. Embora o tamanho do Império Espanhol a torne uma tarefa difícil, os arqueólogos podem alargar o seu âmbito de várias maneiras”.³⁷ O mesmo vale para as interações coloniais inglesas, francesas, belgas, holandesas, assim como norte-americanas, em particular a partir do século XIX.

Outros conceitos específicos podem ser revistos como as ideias de liberdade e capitalismo. Exemplos disto são as ideias de liberdade de Dominguez e Funari no contexto da Cuba Colonial. Afirmam que “a liberdade não é um conceito natural, pois depende de condições históricas específicas”, em consequência, “há graus de liberdade, não de escravização ou liberdade absoluta”.³⁸ O capitalismo é outro conceito cujo questionamento se transforma em novas propostas. Pezzarossi usa o conceito de “antimercados – conjuntos heterogêneos de humanos, discursos e coisas que estruturaram e manipularam as relações de produção e troca com o propósito de acumulação de riqueza/capital – como uma experiência para ir além do conceito carregado de bagagem de capitalismo”.³⁹

³⁴ HEGEMAN, Susan. American Popular Social Science: The Boasian Legacy. *Amerikastudien/American Studies*, v. 63, n. 4, 2018, p. 441-456. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i40231658>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³⁵ LIGHTFOOT, K. G. *Indians, missionaries, and merchants*: The legacy of colonial encounters on the California frontiers. Berkeley: University of California Press, 2005; SILLIMAN, S. W. Indigenous traces in colonial spaces. Archaeologies of ambiguity, origin, and practice. *Journal of Social Archaeology*, v. 10, n. 1, 2010, p. 28-58. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1469605309353127>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³⁶ SILLIMAN, S. W.; WITT, T. The complexities of consumption: Easter Pequot Cultural Economics in Eighteenth-Century New England. *Historical Archaeology*, v. 44, n. 4, 2010, p. 46. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03376811>. Acesso em: 25 jun. 2025. Tradução nossa.

³⁷ VAN BUREN, M. The archaeological study of Spanish colonialism in the Americas. *Journal of Archaeological Research*, v. 18, n. 2, 2010, p. 151-201. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10814-009-9036-8>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³⁸ FUNARI, SENATORE, *op. cit.*, Archaeology of Contact in Cuba, a Reassessment. In: FUNARI, SENATORE, *op. cit.*

³⁹ PEZZAROSSO, Guido. Tribute, antimarkets, and consumption: an archaeology of capitalist effects in colonial Guatemala. In: FUNARI, SENATORE, *op. cit.*, p. 79-102.

O conceito de Interseccionalidade⁴⁰ permite relacionar o estudo do racismo ou do sexismo, assim como abordagens feministas e decoloniais⁴¹, das relações de gênero e sexualidade⁴² contribuem para uma disciplina mais inclusiva da diversidade, em todos os sentidos, assim como das contradições e conflitos. Pós-colonialismo e hibridismo, está no meio, *in-betweenness*, permite tratar de situações de fronteira externa ou interna,⁴³ *third space*, em Bhabha.⁴⁴ Essa deimperialização e decolonização do discurso arqueológico, para usar os termos de Lisa Overholtzer,⁴⁵ corresponde à busca do protagonismo (*agency*) subalterno, para escapar da narrativa histórica e textual que atribui esse papel para as elites em geral, e masculina, em particular. O reconhecimento da relação saber/poder na Arqueologia Histórica e o papel heurístico da obra de Michel Foucault já era bem difundida no começo dos anos 1990.⁴⁶

Ian Hodder, em uma perspectiva de longo prazo, propõe o uso do conceito de emaranhado para dar conta da complexidade tratada pela Arqueologia.⁴⁷ Um emaranhado mescla humanos e coisas, cultura e matéria, sociedade e tecnologia. Emaranhado tem sido um crescente conceito em estudos arqueológicos,⁴⁸ às vezes associado à incorporação de atenção às desigualdades e injustiças.⁴⁹ Aplicado na Antropologia ainda na década de 1990,⁵⁰ hoje é tratado sob as mais diversas perspectivas e disciplinas,

⁴⁰ SPENCER-WOOD, S.M.; TRUNZO, J.M.C. Introduction to Archaeologies Special Issue on Intersectionality Theory and Research in Historical Archaeology. *Archaeologies*, v. 18, 2022, p. 1-44. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11759-022-09442-5>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁴¹ MONTÓN-SUBÍAS, Sandra; HERNANDO, Almudena. Modern colonialism, eurocentrism and historical archaeology: some engendered thoughts. *European Journal of Archaeology*, v. 21, n. 3, 2018, p. 455-471. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/european-journal-of-archaeology/article/modern-colonialism-eurocentrism-and-historical-archaeology-some-engendered-thoughts/4D6A353513CFFEE2C88872E1E503448B>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁴² VOSS, Barbara L. Sexuality studies in archaeology. *Annual Review of Anthropology*, v. 37, n. 1, 2008, p. 317-336. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.anthro.37.081407.085238>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁴³ NAUM, Magdalena. Re-emerging frontiers: Postcolonial theory and historical archaeology of the borderlands. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 17, n. 2, 2010 p. 101-131. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40784756>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁴⁴ BHABHA, Homi. Foreword. In: WERBNER, Pnina; MODOOD, Tariq (org.). *Debating cultural hybridity: Multicultural identities and the politics of anti-racism*. Bloomsbury Publishing, 2015.

⁴⁵ OVERHOLTZER, Lisa. Archaeological interpretation and the rewriting of history: deimperializing and decolonizing the past at Xaltocan, Mexico. *American Anthropologist*, v. 115, n. 3, 2013, p. 481-495. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/aman.12030>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁴⁶ SHACKEL, Paul A. & LITTLE, Barbara J. Post-processual approaches to meanings and uses of material culture in historical archaeology. *Historical Archaeology*, v. 26, n. 3, 1992, p. 5. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25616172>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁴⁷ HODDER, I. *Entangled. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Malden: Wiley- Blackwell, 2014.

⁴⁸ ANTCHAK, Konrad A.; BEAUDRY Mary C. Assemblages of practice. A conceptual framework for exploring human-thing relations in archaeology. *Archaeological Dialogues*, v. 26, n. 2, 2019, p. 87-110. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/archaeological-dialogues/article/assemblages-of-practice-a-conceptual-framework-for-exploring-human-thing-relations-in-archaeology/6CDA7FFC65CAF8902CF4A6762C9D787A>. Acesso em: 26 jun. 2025; CARVALHO, Lucila; YEOMAN Pippa. Connecting the dots: Theorizing and mapping learning entanglement through archaeology and design. *British Journal of Educational Technology*, v. 50, n. 3, 2019, p. 1104-1117. Disponível em: <https://bera-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/bjet.12761>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁴⁹ FREDENGREN, Christina. Beyond entanglement. *Current Swedish Archaeology*, v. 29, n. 1, 2021, p. 11-33. Disponível em: <https://publicera.kb.se/csa/article/view/1444>. Acesso em: 14 fev. 2025.

⁵⁰ THOMAS, N. *Entangled objects: Exchange, material culture, and colonialism in the Pacific*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

desde a História até em temas como o evolucionismo⁵¹ ou a teoria quântica aplicada às ciências sociais. Nada de teleologia ou providência, mas, acaso e emaranhado (*Verschränkung*, no original alemão, traduzido como *entanglement* para o inglês) dois conceitos da física quântica,⁵² mas Hodder usa também outros termos, como rizoma,⁵³ creolização ou hibridismo. Diante disso, Hodder admite que toda interpretação tem seus limites, tudo é bagunça, algo que me parece conclusão prudente e adequada!

Tecidas estas considerações heurísticas, sobre o que se pode encontrar ou inventar, passo a um estudo de caso, tanto atual, como propenso a permitir discutir como o emaranhado, do capitalismo à diversidade cultural, tem que ser levado em conta pela disciplina: a Arqueologia da Repressão e da Resistência.⁵⁴ Esse tema não pode ser entendido sem seus dois aspectos: a profundidade histórica e cultural dos conceitos empregados e das sociedades latino-americanas e, por outro, sua inserção no capitalismo mundial. Este último aspecto é bem reconhecido: a Guerra-Fria (1947-1989) e a contraposição entre capitalismo e socialismo real. Em diversas partes da América Latina, Ásia e África, essa guerra foi quente, com o apoio americano e ocidental, em geral, ao opor regimes ditatoriais a movimentos insurgentes. O próprio conceito de contra-insurgência (*counterinsurgency*) baseia-se na construção de um inimigo interno,⁵⁵ algo definido muito antes, com ápice recente durante o fascismo e o apoio de massas por seus desejos opressivos. O inimigo interno é uma manifestação da oposição ao inimigo, em geral.⁵⁶ As ditaduras latino-americanas designavam os inimigos internos.⁵⁷ Voltemo-nos, por um momento, para a inimizade e a hostilidade. Amizade vem de amor, pelo que a inimizade é o desamor, algo pessoal. A hostilidade refere-se ao estrangeiro, ao de fora da relação cotidiana, ao outro que pode ser tanto um

⁵¹ HODDER, Ian. The paradox of the long term: human evolution and entanglement. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 26, n. 2, 2020, p. 389-411. Disponível em: <https://rai.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9655.13253>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁵² BUB, *op. cit.*

⁵³ HODDER, *op. cit.*, 2020.

⁵⁴ FUNARI, P. P. A.; ZARANKIN, A. (org.). *Arqueología de la represión y la resistencia en América Latina 1960-1980*. Catamarca: Universidad Nacional de Catamarca, 2006; ZARANKIN, Andrés; SALERNO, Melisa. Después de la tormenta. Arqueología de la represión en América Latina. *Complutum*, v. 19, n. 2, 2008, p. 21-32. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL0808220021A>. Acesso em: 26 jun. 2025; ZARANKIN, Andrés; MAZZ, José María López; MAGUIRE, Pedro Pablo Fermin. La sombra del Condor: breve panorama de Arqueología de la represión y la resistencia en América del Sur. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 36, 2021, p. 126-147. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/163821>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁵⁵ HARCOURT, B. Beyond the Counterinsurgency Paradigm of Governing: Letting Go of Prediction and the Illusion of an Internal Enemy. In: GREENBERG, Karen J. (org.). *Reimagining the National Security State: liberalism on the brink*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 141-153. Disponível em: https://scholarship.law.columbia.edu/faculty_scholarship/4493. Acesso em: 26 jun. 2025; OÑATE, Carlos Alberto Rincón. La construcción del enemigo interno: Una política pública del odio. *Desde el jardín de Freud: Revista de psicoanálisis*, n. 19, 2019, p. 249-262. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/jardin/article/view/76722>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁵⁶ CALDWELL, Peter C. Controversies over Carl Schmitt: a review of recent literature. *The Journal of Modern History*, v. 77, n. 2, 2005 p. 357-387. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/431819?seq=1>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁵⁷ JUNG, María Eugenia. La Universidad de la República como enemigo interno: La reacción de las derechas uruguayas, 1958-1973. *Anuario IEHS*, v. 32, n. 2, 2017, p. 149-170. Disponível em: <https://doaj.org/article/7078a67d31f74374922f82aco3672eec>. Acesso em: 26 jun. 2025.

hóspede como um adversário ameaçador. Definir quem é membro da comunidade, hóspede ou adversário está no cerne do que é ser humano. Quem está fora não é humano, essa a definição, tantas vezes, de quem não está na comunidade. Esse o sentido de tapuia, na língua geral:

fugido da aldêa, de taba (aldêa) e puyr (fugir), [...]; do guarani tapui, composto de tapi (cousa comprada) téu (geração): nome por que os guaranis designavam os contrários. [...] Preferível: o que anda desgarrado, de tabi (errado, desviado) e har (que anda ou turba dos apanhados) [...] Livrementemente: contrário ou inimigo.⁵⁸

Não muito diferente de outros sentidos de bárbaros, há os que não falam o idioma e não compartilham os costumes e, por isso, não são considerados seres humanos. Isso, para mostrar que a desumanização é quase constitutiva da vida humana, senão nos milhões de anos de caçadores-coletores, ao menos nos últimos milhares de anos de agricultura. O inimigo interno⁵⁹ põe outra questão: como um semelhante, em convívio cotidiano, é desumanizado, sujeito à destruição física ou simbólica. Há, aí, um impacto profundo de opor humano e não humano, a separar uns e outros. Inimigos internos são desumanizados, como, na Modernidade, nas Guerras de Religião, na perseguição inquisitorial, na caça às bruxas, na Guerra Civil Espanhola.⁶⁰ No século XX, a necropolítica⁶¹ baseia-se no conceito de inimigo interno,⁶² como teorizado por Carl Schmitt,⁶³ levado ao paroxismo em ditaduras, mas também nas políticas fascistas de exclusão, em particular nas últimas décadas.⁶⁴ As ditaduras latino-americanas durante a Guerra Fria inseriam-se nessa esteira, como atestavam (e o atestam, de novo, agora) o lema ditatorial brasileiro, “Brasil, ame-o ou deixe-o”, “Ninguém mais segura este país” ou “Argentinos, a vencer”, ou, ainda, “Chile será una gran nación”. A revivência de tais lemas fascistoides tende a confirmar

⁵⁸ NOGUEIRA, Paulino. **Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará**, com explicações etymológicas, orthographicas, topographicas, históricas, therapeuticas. [s.d.], p. 1887.

⁵⁹ ZANATTA, Loris. Liberales y católicos, populistas y militares. El imaginario organicista y la producción del “enemigo interno” en la historia de América Latina. In: SEBASTIANI, Marcela García; REGUILLO, Fernando del Rey. **Los desafíos de la libertad**. Transformación y crisis del liberalismo, Europa y América Latina (1890-1930). Madri: Biblioteca Nueva, 2008, p. 320-345.

⁶⁰ CASIMIRO, Tânia Manuel. Historical archaeology in the Iberian Peninsula. In: SMITH, Claire. **Encyclopedia of Global Archaeology**. Cham: Springer International Publishing, 2020, p. 5086-5096; LANDA, C.; HERNÁNDEZ DE LARA, O. La arqueología en campos de batalla en perspectiva Latinoamericana. In: **Arqueología en campos de batalla**. América Latina en perspectiva. Buenos Aires: Aspha, 2020, p. 19-24; MARTÍN-ECHEBARRIA, G. “Banderas de nuestros padres”. **Arqueología y campos de batalla intergeneracionales en las guerras civiles españolas (1833-1939)**. SPAL: Revista de Prehistoria y Arqueología, v. 33, n. 2, 2024, p. 298-319. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/spal/article/view/25467>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁶¹ MBEMBE, Achille. **Necropolitics**. Durham: Duke University Press, 2019.

⁶² CALDWELL, *op. cit.*, p. 364.

⁶³ BISI, Adriana de Oliveira Gonzaga; LEONEL, Wilton Bisi; COURA, Alexandre de Castro. O significado do comunismo na teologia política de Carl Schmitt e de Francisco Campos. **NOMOS**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC, Fortaleza, v. 38, n.1, jan./jun., 2018, p.197-222. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/nomos/article/view/19484>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁶⁴ GONZÁLEZ-RUIBAL, A. Prefacio. In: LANDA; HERNÁNDEZ DE LARA, *op. cit.*, p. 13-24.

a visão da necropolítica atual,⁶⁵ diga-se, de passagem. O desaparecimento físico e simbólico de pessoas⁶⁶ e coisas e as tecnologias de repressão em ditaduras⁶⁷ manifestam-se, hoje, na materialidade de restos humanos, de edifícios de tortura⁶⁸, traumas⁶⁹ em mensagens grafitadas nas paredes, em artefatos sórdidos ou de resistência.

Ainda que os regimes ditatoriais latino-americanos fossem resultados de golpes de estado, em geral geridos por militares, não cabe dúvida de que havia a busca de legitimidade e de apoio, por parte de muitos simpatizantes. Havia muita gente cúmplice, como lembra Bernard Harcourt, ao aproximar a Alemanha nazista da experiência latina. Na esteira de Deleuze e Guattari, Harcourt pondera que muitos queriam fascismo e havia um desejo de massa nessa direção.⁷⁰ Lembremo-nos, já em nossos dias, da eleição de personagens como Bolsonaro ou Milei. Mas podia ser Trump ou Orban, ou outros nacionalistas, misóginos, homofóbicos, mundo afora. Daí o termo ditaduras civil-militares, de modo a não restringir a estes últimos a responsabilidade pelas exações. Milicos parecem mandar e mandam mesmo, mas só quando associados a tantos outros. Isso, claro, não se restringe ao período recente, já estavam lá antes, em particular na década de 1930,⁷¹ mas o contexto da Guerra Fria levou isso ao paroxismo. A ameaça comunista, então, como hoje, de maneira ainda mais paradoxal, levava à desumanização e ao desaparecimento. Na Alemanha nazista, ninguém sabia dos campos de concentração e extermínio, mas, todos tinham certa noção, algo nem tão diferente em nosso continente.

A Arqueologia Histórica,⁷² neste contexto, não pode ser desvencilhada do seu contexto histórico, e a Arqueologia da Repressão e da Resistência em particular. Concluirei esta apresentação com a contextualização desse estudo, no âmbito da trajetória da disciplina no Brasil, frente a uma ditadura e

⁶⁵ MBEMBE, *op. cit.*

⁶⁶ RAFFIN, M. liberté, identité et assujettissement : la capture de la subjective dans les politiques des disparitions et les apories de l'Etat de droit. In : CANY, Bruno ; POULAN, Jacques ; PRADO JR. Plínio W. (org.). Passages de Jean-François Lyotard. Paris: Hermann Éditeurs, 2011; *idem*. **La experiencia del horror**. Subjetividad y derechos humanos en las dictaduras y postdictaduras del Cono Sur. Buenos Aires: Editores del Puerto, 2006.

⁶⁷ MAGUIRE, Pedro Pablo Fermin. Desarrollismo, tortura e internación: tecnologías de la represión en la Dictadura Brasileña de 1964-1985. **Vestígios Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 13, n. 2, 2019, p. 165-194. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/15381>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁶⁸ MAGUIRE, Pedro Fermín; COSTA, Denise Neves Batista. 'Scientific torture'? Scientism and the marks of torture inside a police station in Belo Horizonte, Brazil. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 15, n. 3, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/vibrant/2241>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁶⁹ POLONI, R. J. S.; FUNARI, P. P. A.; MARCHI, D. M. Patrimônio, mudanças e memórias traumáticas: a Arqueologia da Repressão e da Resistência. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 45, n. 3, 2019, p. 51-62. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/33044>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁷⁰ HARCOURT, B. Beyond the Counterinsurgency Paradigm of Governing: Letting Go of Prediction and the Illusion of an Internal Enemy. In: GREENBERG, *op. cit.*, p. 141-153.

⁷¹ FINCHLESTEIN, Federico. The anti-Freudian politics of Argentine fascism: Anti-Semitism, Catholicism, and the internal enemy, 1932-1945. **Hispanic American Historical Review**, v. 87, n. 1, 2007, p. 77-110. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article-abstract/87/1/77/35439/The-Anti-Freudian-Politics-of-Argentine-Fascism?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁷² LANDA, CIARLO; CASTELLI, *op. cit.*; ORSER *et al*, *op. cit.*, 2020.

sua política com relação à Arqueologia. Para isso, é necessário começar com a Arqueologia, em geral, para chegar à Histórica e daí à Arqueologia da Repressão e da Resistência.

No Brasil, a ditadura civil-militar será responsável por afastar perspectivas humanistas de abordagem das culturas indígenas do país.⁷³ Já bastante conhecido é o caso de Paulo Duarte,⁷⁴ político e arqueólogo de renome em São Paulo, amigo de Mario de Andrade, a quem indicou para o Departamento de Cultura do estado, exilado durante o Estado Novo, e aposentado de forma compulsória durante a Ditadura Civil-Militar, por aliança entre civis, acadêmicos e militares. Bem típico de uma ditadura civil militar, cujos epígonos continuaram a pontificar. Paulo Duarte manteve estreitos laços com Paul Rivet, então diretor do Museu do Homem de Paris, que, por sua vez, também mantinha contatos com Heloísa Aberto Torres e com o Museu Nacional. Paulo Duarte esteve envolvido em importantes projetos científicos e políticos, tais como a fundação da Universidade de São Paulo (1934) e a elaboração da Lei de Proteção Patrimonial (lei 3924/61), ainda única em vigência.⁷⁵

Afastada a ciência humanista da investigação do passado indígena durante a Ditadura Civil-Militar, serão o Projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA) e o Projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica na Bacia Amazônica (PRONAPABA) a passar a vigorar no país.⁷⁶ Dirigidos pelos pesquisadores estadunidenses Clifford Evans (1920-1981) e Betty Meggers (1921-2012), esses projetos, não obstante tenham formado gerações de especialistas no país, preconizavam uma visão sobre o indígena demarcada pelo determinismo climático e pela já citada Teoria da Degeneração Indígena. Aqui, uma vez mais, persistem a formação de diferentes redes, que compõem diferentes planos de ação: por um lado, uma visão que busca o conhecimento acerca das culturas indígenas, em consonância com princípios de valorização dessas mesmas culturas, e de outro, uma visão pessimista acerca dos potenciais e da riqueza desses povos.

Os planos desenvolvimentistas,⁷⁷ que circunscreviam em termos políticos e econômicos o PRONAPA e o PRONAPABA, continuam a reemergir de forma recorrente no país, reforçados por políticas de Estado dominadas pelas retóricas bandeirantistas e de ocupação de nossos “desertos territoriais”, que

⁷³ MAGUIRE, Pedro Fermín. Archaeology and a case of genocide: the indigenous prisons of Minas Gerais, Brazil. **World Archaeology**, v. 56, n. 1, 2024, p. 1-16. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00438243.2024.2385995>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁷⁴ FUNARI, P. P. A. Paulo Duarte e o Instituto de Pré-História. **Ideias**, Campinas, v. 1, n. 1, 1994, p. 155-179. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8677755>. Acesso em: 26 jun. 2025; FUNARI, P. P.; CARVALHO, A. V. Universidades, Arqueologia e Paulo Duarte. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 22, 2012, p. 89-96. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/106849>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁶ FUNARI, HALL, JONES, *op. cit.*

⁷⁷ MAGUIRE, *op. cit.*, 2019.

seguem coincidindo com territórios ancestrais ocupados por indígenas.⁷⁸ Desertos, no sentido usado alhures, como na Argentina, na Conquista del Desierto, ou na Austrália, na ocupação da *terra nullius*, terra de ninguém. Terra de ninguém, mas habitada! Entretanto, a ciência humanista também segue reforçando seus planos de ação e suas redes: Niède Guidon, uma das mais proeminentes arqueólogas do Brasil, foi orientanda de Annette Laming-Emperaire (1917-1977), que chegou ao Brasil por influência de Paulo Duarte e Paul Rivet. O Laboratório onde, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nasce o Grupo de Pesquisa Arqueologia da Repressão e da Resistência, leva, não por coincidência, o nome de Paulo Duarte. Aqui, passado e presente se emaranham em redes e planos de ação, ampliando os horizontes de pesquisa dos subalternizados povos indígenas do país, para desvendar das redes de violência que constituíram os regimes autoritários latino-americanos.

Como isso foi possível? Devemos nos voltar à transição da ditadura para o governo de civis. Como já mencionado, regimes ditatoriais contam com apoios explícitos e velados, ao excluirmos opositores e grupos sociais inteiros, de modo que ao lado dos militares houve sempre civis e eleições para os legislativos e prefeituras, à exceção das capitais e dos designados como municípios de segurança nacional. O milagre econômico contribuiu para que só com a crise da economia capitalista mundial, a partir de 1973 houvesse, a despeito de todas as restrições, as eleições gerais de 1974 que testemunharam um avanço espetacular de deputados e senadores de oposição. Para o senado, a oposição teve 40% mais votos do que o partido do regime (Arena).

Como reação, o regime impôs uma série de medidas restritivas, por um lado e, por outro, colocou em marcha um programa de transição: a abertura lenta, gradual e segura. A morte de Franco (1975), na Espanha, e a formulação dos Pactos de La Moncloa (1977) serviu de modelo para a Ditadura brasileira, sendo a Lei de Anistia (1979) a epítome dessa estratégia de esquecimento dos abusos passados. Esse excursus permite compreender como a Arqueologia navegava, com a possibilidade de pesquisas acadêmicas menos comprometidas com o regime, em particular a partir do momento em que a eleição de governadores de oposição (1982) abria novas oportunidades, em particular nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, entre outros. Assim, Carlos Magno Guimarães e Ana Lucia Duarte Lanna foi pioneiro ao publicar *Arqueologia de quilombos em Minas Gerais* e vale citar sua conclusão: “O quilombo, além de um foco de resistência à escravidão, foi também um foco de preservação da cultura negra, pois aí o negro podia expressar mais livremente os elementos da sua cultura”.⁷⁹

⁷⁸ POLONI, J.; FUNARI, P. P. A.. Os desertos habitados: Estado Novo, colonialismo, memória e patrimônio em perspectiva comparada. *Lusotopie*. Recherches politiques internationales sur les espaces issus de l'histoire et de la colonisation portugaises XXI, Aix-en-Provence, v. XXI, n. 1, 2021, p. 1-17. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lusotopie/5090>. Acesso em: 7 set. 2023.

⁷⁹ GUIMARÃES, C. M.; LANNA, Ana L. D. Arqueologia de Quilombos em Minas Gerais. *Revista de Antropologia*, v. 31, 1980, p. 162.

Esse estudo da resistência foi seguido por outros, sobre quilombos,⁸⁰ mas também Canudos,⁸¹ favorecidos pelo contexto, desde o fim do regime militar e pela crescente incorporação da preocupação com os subalternos,⁸² inclusive os indígenas.⁸³ Uma visão de conjunto do campo no Brasil encontra-se no volume organizado por Symanski e Torres (2022) e sobre a Arqueologia da Repressão e da Resistência remeto a Lemos e Zarankin,⁸⁴ mas já um pouco antes Caroline Murta Lemos tecia um diagnóstico sombrio:

Esse cenário aqui exposto da Arqueologia da Repressão e da Resistência no Brasil é realmente desolador. Se considerarmos o impacto que o regime ditatorial teve na sociedade ao longo de tantos anos e a política de esquecimento relacionada a esse período que se expressa, por exemplo, na quantidade ínfima de “memórias materiais” que são reconhecidas publicamente/oficialmente, fica claro que o desenvolvimento da Arqueologia da Repressão e da Resistência é, de fato, imprescindível – ainda mais se levarmos em consideração o atual contexto político no país.⁸⁵

Oito anos depois, o que se pode dizer? Convém retornar às questões epistemológicas discutidas desde o início: global e local, *homo economicus* e cultura, perseguição ao inimigo interno,⁸⁶ fascistizante.⁸⁷ A Arqueologia, ao entrelaçar micro e macro pode “evidenciar heridas que nunca sanaron para lidar con nuestro pasado, que marca nuestro presente. Aquellos que no se muestra ni se habla, solo puede superar”.⁸⁸

Há questões que estão inseridas nas transformações do capitalismo, sob o conceito neoliberal, como na proposta foucaultiana do nascimento moderno do *homo legalis*, do *homo criminalis* e do *homo*

⁸⁰ SYMANSKI, L. C. P.; FERREIRA, L. M. Transformação e resistência: arqueologia da diáspora africana no Brasil. In: SYMANSKI, L. C. P.; SOUZA, M. A. T. (org.). **Arqueologia Histórica Brasileira**. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022, p. 307-340.

⁸¹ ZANETTINI, P. E. Canudos: Memórias Do Fim Do Mundo. **Horizonte Geográfico**, ano I, n. 3, 1988.

⁸² FUNARI, P. P. A.; ORSER, C. E. Jr. (org.). **Current Perspectives on the Archaeology of African Slavery in Latin America**. 1ª ed. New York: Springer, 2015.

⁸³ SALLUM, M.; NOELLI, F. Povos indígenas e arqueologia do colonialismo no Brasil. In: SYMANSKI, SOUZA, *op. cit.*, p. 273-306.

⁸⁴ LEMOS, C. M.; ZARANKIN, A. O desenvolvimento da arqueologia da repressão e da resistência no Brasil: avanços e desafios. In: SYMANSKI, SOUZA, *op. cit.*, p. 407-436; LEMOS, C. M.; COSTA, D. N. B.; ZARANKIN, A. 'As flores do mal': arqueologia das estruturas da violência política da ditadura, o caso do DOPS/MG. **Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, 2021, p. 163-188. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/9252>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁸⁵ LEMOS, C. M. Construindo memórias materiais da ditadura militar: a Arqueologia da Repressão e da Resistência no Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 29, n. 2, 2016, p. 77. Disponível em: <https://www.revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/8>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁸⁶ RIBEIRO, M. V. Anticomunismo e Inimigo Interno: uma avaliação da Doutrina de Segurança Nacional a partir de sujeitos e manuais da repressão durante as ditaduras do Conesul. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 3, 2019, p. 384-401. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/9863>. Acesso em: 26 jun. 2025 ; DAL BO, G. A. A. **Vers un devenir autoritaire de l'État?** : Une lecture de la construction de l'incrimination de 'terrorisme' en Argentine à la lumière des notions d'ennemi et de politique. Tese (Doutorado em Direito Público) – Institut de Droit Publique, Sciences Politiques et Sociales, Université Paris-Nord-Paris XIII, Paris, 2023. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-04624735v1>. Acesso em 14 fev. 2025.

⁸⁷ FINCHELSTEIN, F. The anti-Freudian politics of Argentine fascism: Anti-Semitism, Catholicism, and the internal enemy, 1932-1945. **Hispanic American Historical Review**, v. 87, n. 1, 2007 p. 77-110. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article-abstract/87/1/77/35439/The-Anti-Freudian-Politics-of-Argetine-Fascism>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁸⁸ LANDA, HERNÁNDEZ DE LARA, *op. cit.*, p. 20.

oeconomicus.⁸⁹ A teoria do capital humano, explicitado já na década de 1960 está na ordem do dia, décadas depois, a contribuir para explicar o comportamento de amplas massas de desclassificados, ressentidos e prontos à desumanização de si mesmos e, tanto mais, dos outros. Isso pode ser constatado no êxito da extrema direita, mundo afora. Neste contexto, podem entender-se as dificuldades de uma Arqueologia da Repressão e da Resistência, e não só no Brasil ou na América Latina. Pessoas jurídicas, por um lado, não pessoas; há, por outro lado, antes escravizados, depois os que envenenam nosso sangue (Trump), “Vamos fuzilar a petralhada” (Bolsonaro), “marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (Bolsonaro). Empresas são personificadas, pessoas reais são coisificadas (*Verdinglichung*). Marx já ressaltava isso:

Trata-se de uma relação física entre coisas físicas. Já a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não tem, ao contrário, absolutamente nada a ver com sua natureza física e com as relações materiais [dinglichen] que dela resultam. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias.⁹⁰

Há, também, questões culturais, para além do neoliberalismo promotor do empresário de si e contra a solidariedade, a empatia e o convívio. No caso brasileiro, uma sociedade fundada nas diferenciações de status e de exclusões históricas de majorias e minorias, não só racismo estrutural, mas também homofóbicas, patriarcais e autoritárias. Isso fica evidente no caso da maneira como o estudo em geral da Ditadura mais recente, em geral, e em particular pela Arqueologia enfrenta obstáculos muito particulares para que possa ser explorada e, mais ainda, financiada. Como já mencionado, e à diferença da vizinha Argentina, nunca houve qualquer aplicação de justiça para pessoas ou instituições repressoras,

⁸⁹ CANDIOTTO, Cesar. Le néolibéralisme américain et l'ambiguïté de l'homo oeconomicus chez Michel Foucault. **Cahiers Critiques de Philosophie**, n. 18, 2017, p. 102. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-cahiers-critiques-de-philosophie-2017-2-page-93>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁹⁰ MARX, K. **O Capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 122-3. No original: “Es ist ein physisches Verhältnis zwischen physischen Dingen. Dagegen hat die Warenform und das Wertverhältnis der Arbeitsprodukte, worin sie sich darstellt, mit ihrer physischen Natur und den daraus entspringenden dinglichen Beziehungen absolut nichts zu schaffen. Es ist nur das bestimmte gesellschaftliche Verhältnis der Menschen selbst, welches hier für sie die phantasmagorische Form eines Verhältnisses von Dingen annimmt. Um daher eine Analogie zu finden, müssen wir in die Nebelregion der religiösen Welt flüchten. Hier scheinen die Produkte des menschlichen Kopfes mit eigenem Leben begabte, untereinander und mit den Menschen in Verhältnis stehende selbständige Gestalten. So in der Warenwelt die Produkte der menschlichen Hand. Dies nenne ich den Fetischismus, der den Arbeitsprodukten anklebt, sobald sie als Waren produziert werden, und der daher von der Warenproduktion unzertrennlich ist”.

como se houvesse um regime autoritário (esse o termo preferido pelos apoiadores da ditadura) sem pessoas autoritárias. Neste sentido, sem essas particularidades históricas e culturais não é possível entender os desafios específicos de uma Arqueologia da Repressão e da Resistência.

Por fim, para concluir, voltarei a uma questão epistemológica de fundo, relacionada a essa particularidade e ao caráter emotivo, sensorial. Recorro a Michel Foucault e sua contribuição para abordagens críticas da Arqueologia, fundadas na escolha (κρίνω + eu separo, eu escolho, eu julgo), de modo a pensar e agir para um futuro diferente.⁹¹ No campo epistemológico, sobre o que se pode conhecer do passado, ou o que se pode dizer sobre isso, Chartier enfatizava que:

A questão subjacente à produção foucaultiana refere-se à articulação das práticas discursiva às práticas não-discursiva, como as instituições, a política ou as técnicas sociais. Procura compreender a gênese da produção discursiva e da sua articulação com as práticas que tornam isso possível e que dão nomes a discursos e práticas, no centro da História Cultural.⁹²

Esse aspecto discursivo merece atenção particular, pois daí partiram tantas críticas, a partir da noção de indícios e provas.⁹³ De fato, Foucault partia do pressuposto que qualquer acesso ou invenção, encontro ou descoberta (*in+uenio*) da realidade funda-se em axiomas, no sentido grego de ἀξίωμα, algo - μα que pode ser pensado, concebido (ἀξιόω, estimo, penso). Como lembra o arqueólogo francês Laurent Olivier trata-se de ficção, de *finjo*, moldar, fingir.⁹⁴ Isso para dar uma qualidade de narrativa sentida, mítica e mística, para tudo que se pensa. Axioma é uma narrativa, um pressuposto, estratégica que pressupõe que certas coisas existem, mesmo que não existam, mas os humanos, em contextos específicos, partem da noção que são reais.⁹⁵ Em termos ainda epistemológicos, Foucault parte de uma radical sincronia, ao relacionar cada época a uma trama de relações que a move, ao restituir a rememoração de fragmentos de vida fora da grande história, como Walter Benjamin, ao valorizar os

⁹¹ HORKHEIMER, Max. Traditional and Critical Theory. In: CONNERTON, Paul (org.). **Critical Sociology**: Selected Readings. Harmondsworth: Penguin, 1976 [1937].

⁹² Cf. CHARTIER *apud* MARQUES, Welisson. Histoire et discours chez Michel Foucault-entretien avec Roger Chartier. **Diálogos**: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 16, n. 2, 2012, p. 802. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36157>. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁹³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

⁹⁴ OLIVIER, Laurent. **Le monde secret des gaulois**. Paris : Éditions Flammarion, 2024; *idem*. Notre utopie gauloise est solide. **Marianne**, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://www.marianne.net/agora/humeurs/notre-utopie-gauloise-est-solide>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁹⁵ TIMCKE, Scott. The materials of memory: Tracing archives in communication studies. **Interactions**: Studies in Communication & Culture, v. 8, n. 1, p. 9-20, abr. 2017. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/iscc.8.1.9_1. Acesso em: 26 jun. 2025.

infames, frente à barbárie da chamada civilização.⁹⁶ Longe da busca pela essência e origem (*Ursprung*), preocupa-se com a emergência (*Entsehung*) e proveniência (*Herkunft*),⁹⁷ alinhamentos e transformações.⁹⁸

A Arqueologia encontra e inventa, a um só tempo e de maneira inevitável, já que sua narrativa só pode existir como um discurso e por meio dos afetos, no sentido usado por Bento Espinosa, e sentimentos, como lembra Hamilakis, nas suas teses:

Tese VII

Arqueologias dos sentidos são também arqueologias do afeto. O campo sensorial transcorpóreo é ao mesmo tempo um campo afetivo, um campo onde as emoções são geradas, ou melhor, as interações e relações afetivas são produzidas, reiteradas e relembradas.

Tese VIII

O campo sensorial é também um campo de poder, um terreno de contestações. O conceito foucaultiano de biopolítica (tal como delineado no primeiro volume da sua *História da Sexualidade* [1998], por exemplo) tentou capturar a intersecção entre o corpo e os regimes de poder e autoridade, especialmente na modernidade ocidental.

Tese IX

As arqueologias dos sentidos tratam de presença, não de representação.⁹⁹

Essa presença sensorial, encontrada e inventada, está na camiseta encontrada em um centro de detenção clandestino e sentido, por um ente querido do desaparecido, como sendo um objeto de luto.¹⁰⁰ Isso foi possível, na Argentina, mas ainda não no Brasil. Estética, percepção dos sentidos, αἴσθησις, derivado de ver, ouvir, perceber αἰσθάνομαι, deixar-se levar pelos sentidos do corpo. Existência é estar (*sisto*, *sto*, estou) no mundo lá fora (*ex*, *fora*). Uma estética da existência pode partir, também, de uma Arqueologia sob prisma libertário. Se o passado não nos conduz a um futuro inevitável, para retornar a Fukuyama, se não há um *telos*, outras maneiras de viver são possíveis. Frente à competição inexorável, a cooperação, ante à destruição, a empatia. Ubuntu, sou por que és. A Arqueologia Histórica e a Arqueologia da Repressão e da Resistência podem contribuir para isso, se assim o quisermos.

⁹⁶ BENJAMIN, Walter. *Über den Begriff der Geschichte*. Vol. 19. Berlin: Suhrkamp, 2010, p. 1.

⁹⁷ FERSINI, Maria Pina. Fare la storia dei margini: l'imperativo categorico di *Memorial do convento* e *La vie des hommes infâmes*. **Anamorphosis**: Revista Internacional de Direito e Literatura, v. 4, n. 1, 2018, p. 262. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/448>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 269.

⁹⁹ HAMILAKIS, Yannis. Afterword: Eleven Theses on the Archaeology of the Senses. In: DAY, Jo (org.). **Making Senses of the Past: Toward a Sensory Archaeology**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2013, p. 409. Tradução nossa. No original: "Thesis VII: Archaeologies of the senses are also archaeologies of affect. The transcorporeal sensorial field is at the same time an affective field, a field where emotions are generated or rather affective interactions and relationships are being produced, reiterated, and recollected; Thesis VIII The sensorial field is also a field of power, a terrain of contestations. The Foucaultian concept of biopolitics (as outlined in the first volume of his *History of Sexuality* [1998], for example) has attempted to capture the intersection between the body and the regimes of power and authority especially in Western modernity; Thesis IX: The archaeologies of the senses are about presence, not representation".

¹⁰⁰ FUNARI, ZARANKIN, *op. cit.*

Agradecimentos

Agradeço a Aline Vieira de Carvalho, Rui Gomes Coelho, Barbara Little, Lourdes Domínguez, Denise Maria Cavalcante Gomes, Randal Maguire, Pedro Pablo Fermín-McGuire, Carlos Magno Guimarães, Almudena Hernando, Carlos Landa, José María López Mazz, Alexandre Guida Navarro, Laurent Olivier, Charles E. Orser, Guido Pezzarossi, Innocent Pikirayi, Juliana Poloni, Marcelo Raffin, Nan Rothschild, Javier Rivera-Sandoval, Melisa Salerno, Paul Shackel, Michael Shanks, Filipe Noé Silva, Suzanne Spencer-Wood, Luís Cláudio Symanski, Barbara Voss, Paulo Zanettini e Andrés Zarankin. Menciono o apoio institucional da Unicamp, CNPq e Fapesp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.